

mais dólares em 85

Brasil não pedirá

O ministro da Fazenda, Ernane Galvão, disse ontem que a hipótese mais provável é que o Brasil não precisará pedir dinheiro novo aos bancos credores para 1985, o que facilitará a renegociação da dívida externa do país. A forma da renegociação será definida em reunião com o comitê de bancos dia cinco de novembro, em Nova Iorque, quando as autoridades econômicas brasileiras deverão apresentar resultados preliminares do balanço de pagamentos de 1984 e projeções para 1985.

Pelas previsões iniciais do governo, um superávit comercial de US\$ 10 bilhões (hipótese pessimista), em 85, mais financiamentos oficiais (do Bird, BID, FMI) e de fornecedores poderão ser suficientes para cobrir o déficit de US\$ 14 bilhões da conta serviços, (pagamento de juros da dívida mais fretes, remessas, royalties, mais US\$ 1,7 milhão da parte de amortização que não pode ser reescalada).

Menciona Galvão que o saldo comercial de US\$ 10 bilhões deve ser obtido com exportações de US\$ 27 bilhões, quase o nível deste ano, menos importações de 17 bilhões, num crescimento de 15%. Levando em conta que antigos mercados começam a se recuperar, como o da Argentina, Chile e outros países latinos, o Brasil poderá obter mais US\$ 1,3 bilhão de exportações. Assim, enfatiza, o mais viável mesmo é que o país não necessite pedir novos empréstimos, endividando-se menos no exterior.

Durante conversa informal em almoço com jornalistas de finanças, no Ministério da Fazenda, o ministro Ernane Galvão reiterou seu otimismo com o resultado das conversas que manteve com dirigentes de 40 bancos, os maiores credores do país, durante sua permanência recente em Washington e Nova Iorque. Segundo Galvão, o clima hoje para o Brasil é inteiramente diferente, e bastante favorável a uma negociação melhor.

Isso não significa, reconhece Galvão, a introdução de ingredientes novos na renegociação. Como será o próximo esquema de renegociação vai depender de várias hipóteses, a começar do resultado de caixa do país, hoje em mais de US\$ 6 bilhões. As renegociações do México e da Venezuela, que conseguiram reescalonar cinco e três anos de dívidas a vencer, respectivamente, certamente serão consideradas, mas isso não significa idênticas condições para o Brasil.

Explica o ministro Ernane Galvão que a estrutura das dívidas dos três países é diferente. Por exemplo, na questão do spread (taxa de risco), que aumentou agora para México e Venezuela, porque eles pagavam taxa menor anteriormente: para o Brasil, deve haver uma melhora no spread. Outra especificidade do Brasil é que a dívida tem uma corcova mais em 1987 e 1988, o que significa que, havendo reescalonamento maior, deve abranger a dívida a vencer pelo menos nos próximos quatro anos.

O ministro Ernane Galvão disse que os banqueiros têm confiança no Brasil, mesmo com a inflação alta, porque reconhecem que ela está ligada ao ajustamento do balanço de pagamentos. De forma que, se o país quer exportar mais e obter saldos comerciais elevados, a pressão inflacionária será evidente. Mais importante, porém, na avaliação dos banqueiros, segundo o ministro, é que consideram ter o Brasil investido bem os recursos captados no exterior, tendo resolvido satisfatoriamente o problema energético e mudado a própria estrutura do balanço de pagamentos.

Com relação a investimentos estrangeiros, o ministro acha que não é só no Brasil que o fluxo está menor. Justifica que, quando a taxa de juros está alta, os investidores declinam em todos os países.